

Teologia dogmática ou teologia hermenêutica: A construção da verdade teológica em Claude Geffré

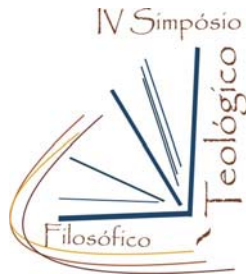
Roberlei Panasiewicz¹

PUC-Minas / Ciência da Religião

A hermenêutica, como tal, perpassa toda a teologia cristã. Claude Geffré,² ao refletir sobre teologia hermenêutica, não a apresenta no sentido de uma corrente teológica entre outras. Ele desenvolverá a noção de teologia hermenêutica como uma nova maneira de *fazer teologia*. E, mais que isto, falará em “virada hermenêutica da teologia” e esta virada foi provocada, em grande parte, pela atual consciência ante o pluralismo religioso que emerge como novo paradigma teológico. Da teologia dogmática à teologia hermenêutica e, desta, à teologia das religiões (ou teologia do pluralismo religioso). Se a teologia dogmática é compreendida como um comentário fiel do dogma e a escritura somente confirmava o que já estava estabelecido e comunicado diretamente pelo Magistério da Igreja a teologia hermenêutica resgata, através de métodos hermenêuticos, o sentido de uma ‘linguagem que fala humanamente de Deus’ (método, conteúdo e significado). Demarca a historicidade de toda verdade, inclusive a verdade revelada, e a historicidade de todo sujeito interpretante. A teologia hermenêutica é, portanto, a reinterpretação ‘criativa’ e ‘criadora’ da mensagem cristã. A teologia das religiões procurará interpretar a pluralidade dos caminhos que levam a Deus

¹ Roberlei Panasiewicz é Doutor em Ciência da Religião pela UFJF, professor e membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas e professor da Fumec. Pesquisa o pluralismo e o diálogo inter-religioso.

² Claude Geffré, nascido em Niort, França, em 1926, teólogo católico e padre da Ordem dos Pregadores (Dominicano), durante vários anos dedicou-se ao ensinamento de teologia na Faculdade Dominicana de Saulchoir (1957-1968) e no Instituto Católico de Paris (1967-1996); foi diretor da Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém (1996-1999). É membro fundador e colaborador permanente da revista internacional de teologia, *Concilium*, e do conselho diretor da coleção teológica *Cogitatio Fidei*.



sem comprometer a especificidade da religião cristã. A teologia hermenêutica possibilitará este novo fazer teológico.

Esta reflexão tem por objetivo apresentar a compreensão da verdade teológica a partir do pensar teologia dogmática e do fazer teologia hermenêutica e caracterizar a virada hermenêutica da teologia, segundo Claude Geffré. Está dividida em três partes. Primeiramente, será apresentada 'a verdade como certeza institucional'. Em seguida, 'a verdade como processo hermenêutico' e, por fim, 'a verdade como desafio relacional'.

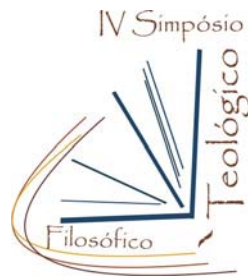
1. A verdade como certeza institucional

A teologia dogmática prevaleceu na reflexão teológica católica durante toda a modernidade. Seu início pode ser demarcado após o Concílio de Trento (1545-1563). É, portanto, uma teologia da Contra-Reforma preocupada com a defesa do catolicismo. Geffré afirmará que a “teologia dogmática se definia como um comentário fiel do dogma, isto é, do que a Igreja sempre compreendera e ensinara; e a Escritura entrava apenas a título de prova do que já estava estabelecido”³ ou com relação ao “ensinamento que era comunicado diretamente pelo magistério da Igreja.”⁴ Esse apelo à autoridade do magistério, feito pela teologia dogmática, leva Geffré a sugerir o termo “dogmatista”.

A força desta teologia vem da forma como compreende a tradição e o dogma. Este modelo dogmático procedia em três tempos: a *tese* (era o enunciado da fé), a *explicação* (dava-se a partir das decisões oficiais do magistério) e, por fim, a *prova* (citava-se a Escritura, os Padres da Igreja e alguns teólogos). Há uma distinção entre a compreensão das verdades na teologia dogmática e em São Tomás de Aquino. Enquanto na teologia

³ GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje*, p. 66.

⁴ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 16.



dogmática “as proposições de fé, das quais procede o raciocínio teológico, funcionam com a evidência dos primeiros princípios e a sua verdade depende unicamente da autoridade do magistério”, em São Tomás as “proposições externas à fé, as dos concílios, dos teólogos e dos bispos são verdadeiras somente quando expressão da verdade divina no livre evento de sua revelação”.⁵

A verdade divina, que tinha sua força de expressão na revelação, sobretudo no evento Jesus Cristo, passa a estar subordinada à força e à vontade da autoridade religiosa. Geffré termina por afirmar que esse *sistema autoritário* acaba por substituir a autoridade da Escritura. A leitura dogmatista, “quer dizer, uma leitura não crítica, que procura somente na escritura e na tradição apoios textuais para confirmar uma posição já estabelecida por outros caminhos,”⁶ demarcará uma maneira de fazer teologia que produzirá sistemas teológicos fechados e resultará, por sua vez, em formulações dogmáticas.

O destinatário imediato desta *produção* teológica era o clero, tanto religioso quanto diocesano, pois esses eram os encarregados diretos para *fazer valer* a autoridade do magistério. Cabia aos leigos escutar e cumprir o que a autoridade determinava. A liberdade laical no interior da igreja católica estava restrita a seguir o comando da autoridade do magistério.

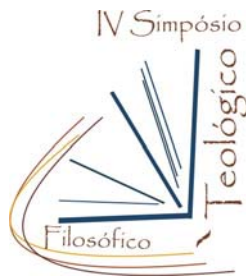
Este modelo teológico dogmático possuía as seguintes características⁷: possuía um conjunto de proposições imutáveis da fé; o *intellectus fidei* era entendido como um ato da razão especulativa no sentido clássico do pensamento metafísico; a reflexão teológica contentava-se com expor e explicar os dogmas imutáveis da fé católica em contínuo acordo com as Escrituras, com os Santos Padres e com a Tradição teológica.

A grande vantagem dessa teologia dogmática é a de possibilitar segurança e clareza da verdade de fé a seus seguidores, pois estava cravada numa rígida estrutura organizacional, centrada na autoridade do Magistério da

⁵ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 66.

⁶ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 28.

⁷ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, cap. I.



Igreja Católica. Em contrapartida, o grande perigo dessa teologia é de se transformar em ideologia a serviço do poder institucional, isto é, toda a inteligência teológica a serviço do interesse do magistério eclesial. Se o discurso teológico se degradar em ideologia ele passa a ser “um ensinamento oficial que justifica as decisões do magistério seja qual for a resistência dos textos escriturários e das tradições interpretativas dos textos.”⁸ Seu maior limite é ser fechada em si mesma e centralizadora, criando um abismo entre hierarquia e laicato e não possibilitando outras interpretações das escrituras a não ser a estabelecida pela autoridade eclesiástica.

Há alguma outra forma de compreender a verdade na teologia?

2. A verdade como processo hermenêutico

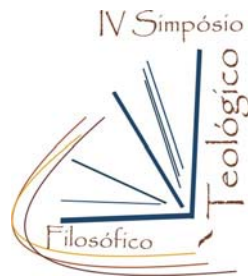
A hermenêutica, por si só, “evoca movimento do pensamento teológico que, pondo em relação viva o passado e o presente, expõe-se ao risco de interpretação nova do cristianismo para hoje.”⁹ Geffré contrapõe ao modelo teológico dogmático o modelo teológico hermenêutico. Este é “um novo paradigma, um novo modelo, uma nova maneira de fazer teologia,”¹⁰ pois, irá compreender os textos bíblicos, a tradição e os dogmas de maneira atual e a verdade cristã passa a ter uma noção plural sem perder sua especificidade. Esta teologia proporá uma circularidade entre a experiência fundante do texto bíblico e a experiência cristã de hoje. Daí poderá nascer uma nova interpretação da antiga mensagem.

Será também uma nova maneira de buscar a originalidade da verdade cristã, obscurecida pelo centramento na autoridade do magistério. Estará constantemente sendo construída na articulação entre passado e presente, tarefa imprescindível da hermenêutica. Geffré irá destacar que “a teologia de orientação hermenêutica não é uma corrente teológica dentre outras, mas o

⁸ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 16.

⁹ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 63.

¹⁰ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 11.



destino mesmo da razão teológica no contexto do pensamento contemporâneo.”¹¹

O destino da razão teológica é inseparável do destino da razão filosófica. Entretanto, ela toma distâncias tanto da metafísica, sobretudo da metafísica da substância, quanto dos filósofos do sujeito, fundados sobre a primazia da consciência, “por considerar o ser sobre a realidade lingüística”¹² e, ao fazer essa ruptura epistemológica, aproxima a razão teológica “de um *compreender histórico* no sentido de Heidegger e no sentido de Gadamer.”¹³ Trata-se de pensar a diferença entre uma compreensão metafísica e uma compreensão histórica da realidade. Assim, “a teologia tende a se compreender não simplesmente como um discurso sobre Deus, mas como um discurso que reflete a linguagem sobre Deus, um discurso sobre a linguagem que fala humanamente de Deus.”¹⁴ A linguagem é uma forma privilegiada de captar a realidade, de maneira especial, a realidade transcendente, pois sua atitude interpelativa propicia o emergir de uma verdade.

Este modelo teológico tem como características¹⁵: seu ponto de partida está na pluralidade das escrituras compreendidas dentro do campo hermenêutico aberto pelo evento Jesus Cristo; o *intellectus fidei* pode ser identificado com um “compreender histórico”, sendo aí a compreensão do passado inseparável da interpretação de si e da atualização criativa voltada para o futuro; ela procura manifestar a significação sempre atual da Palavra de Deus, em sua forma escriturística, dogmática ou teológica, em função das novas experiências históricas da igreja e do homem e da mulher de hoje; esta teologia alimenta-se de uma *circum-incessão* incessante entre a Escritura e a Tradição, que continuam sendo os lugares privilegiados de toda teologia.

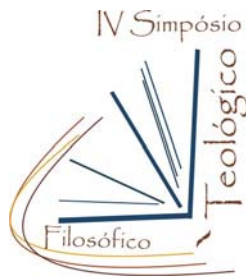
¹¹ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 7.

¹² GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 7 e 12. Em sua opinião, a tendência da filosofia moderna é tornar-se mais uma filosofia de linguagem.

¹³ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 13. A hermenêutica filosófica dá a Geffré a possibilidade de reconfigurar a sua hermenêutica teológica.

¹⁴ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 14.

¹⁵ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 68-69.



Procura uma nova inteligência da mensagem cristã, respeitando o círculo hermenêutico entre Escritura e Dogma.

Contrapondo-se a teologia dogmática, esta teologia passa a ser não metafísica, não autoritária e hermenêutica por excelência.¹⁶ Se o modelo dogmático tem seu ponto de partida no ensinamento do magistério e na tradição da igreja, “a Escritura e a tradição interpretativa dos textos intervêm somente a título de provas em relação a este ensinamento que é comunicado diretamente pelo magistério oficial da Igreja”,¹⁷ o modelo hermenêutico tem seu ponto de partida no texto. “Quem diz hermenêutica não diz simplesmente a compreensão em geral, mas o tipo de compreensão que está engajado na leitura dos textos, quer se trate da Escritura ou das releituras dessas Escrituras na tradição.”¹⁸ Ou seja, a interpretação de um texto é sempre feita no interior de uma tradição lingüística. Geffré afirma que tem aumentado a consciência, no âmbito teológico, de que a “Palavra de Deus não se identifica nem com a letra da Escritura, nem com a letra dos enunciados dogmáticos” e, ainda, que “a Revelação não é a comunicação a partir do alto de um saber fixo de uma vez por todas.”¹⁹ A teologia será sempre uma interpretação de uma linguagem que fala humanamente de Deus. “É fidelidade criativa”²⁰ ou “fidelidade criadora”²¹ que produz uma nova prática teológica e eclesiológica. Essa expressão faz com que se resguarde a originalidade e historicidade do texto – fidelidade –, ao mesmo tempo em que propicia uma *re-interpretação* sempre nova e atual – criatividade.

Para reencontrar-se com a experiência cristã fundamental, é essencial usar dos recursos da exegese, ou seja, da crítica histórica, crítica textual e

¹⁶ “Ao risco de simplificar, eu diria que a teologia tende a ser uma teologia *não metafísica*, uma teologia *não autoritária* e uma teologia *hermenêutica*.” Cf. GEFFRÉ, C. *Déclin ou renouveau de la théologie dogmatique?*, p. 27.

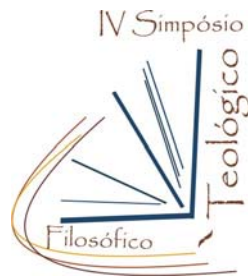
¹⁷ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 16.

¹⁸ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 16-17.

¹⁹ GEFFRÉ, *Du savoir a l’interprétation*, p. 52.

²⁰ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 69.

²¹ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 40.



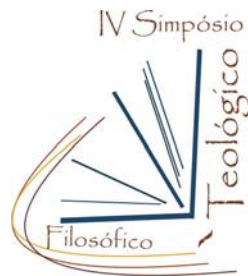
crítica literária, porque a experiência que foi única foi expressa numa pluralidade de linguagens. E não há como separar experiência, linguagem e hermenêutica, pois a linguagem escrita já traz consigo uma interpretação do acontecimento primordial. Ter consciência desse fato é de extrema importância para se chegar, mais proximamente, à experiência fundante do cristianismo. Possibilitar o discernimento dos elementos fundamentais da experiência cristã será tarefa da hermenêutica.

O texto, que reflete um *acontecimento primordial* do cristianismo (o evento Jesus Cristo), foi mantido durante anos em forma de *testemunho* e *palavra* e passado de umas para outras pessoas (tradição oral). Quando, por fim, foi *escrito*, já estava acumulada à experiência fundante uma série de dados que refletem não só os acontecimentos originais, mas outros momentos e episódios sóciopolíticos e culturais. Não há, portanto, uma narração literal das palavras e gestos de Jesus Cristo. Assim, “nós sempre nos confrontamos com múltiplos testemunhos sobre a vida, os gestos, as palavras de Jesus que vão ser relidos pela primeira comunidade cristã à luz do evento pascal.”²² Os evangelhos, por um lado, ao narrar a vida de Jesus Cristo, apresentam situações e interpretações próprias da comunidade que guardou a palavra e o gesto fundante. E, por outro lado, ao interpretar a vida e a mensagem de Jesus Cristo, narram traços particulares de sua vida e de sua mensagem. Nos evangelhos, narração e interpretação se interpenetram. O hermeneuta deve estar consciente de que *interpreta* uma interpretação e que “esta interpretação nos reenvia a uma experiência que ela mesma é uma experiência interpretante do acontecimento que a suscitou.”²³

Para que ocorra uma justa interpretação da mensagem cristã, resguardando sua originalidade e permitindo sua atualidade, é necessário que haja uma “correlação crítica entre a experiência cristã, da primeira comunidade,

²² GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 27.

²³ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 26.



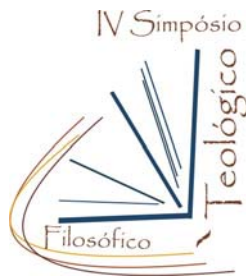
e nossa experiência histórica de hoje.”²⁴ Um texto clássico é aquele que está aberto às interpretações e tem sempre algo a ser atualizado. Não está fechado há um tempo ou a uma interpretação. A teologia compreendida como hermenêutica faz uma ruptura com o pensamento fechado da teologia dogmática, demarcado pela autoridade do magistério, entretanto não pode e não renuncia ao significado ontológico que perpassa os textos bíblicos e nem à forma como a tradição teológica os compreendeu. Isto é, a verdade nunca pode estar pronta, fixa e segura pela força da autoridade, seja religiosa ou não. O que caracteriza a verdade hermenêutica é a sua força de *vir-a-ser*, seu poder de tornar-se, de ir se construindo como verdade e, numa perspectiva cristã-escatológica, crendo que a plenitude desta verdade está mesmo em Deus. Isto possibilita uma “consciência da historicidade de toda verdade, mesmo revelada, e de todo conhecimento, mesmo teológico.”²⁵ A mensagem revelada necessita ser interpretada para ser sempre atual.

As conseqüências advindas desta maneira de pensar a teologia, pois toda ela deve ser hermenêutica, será a maneira de compreender a escritura, a tradição, o dogma e a prática eclesial. A escritura sagrada deve ser constantemente lida e relida buscando maior objetividade ao texto. Objetividade que não se encerra nas palavras escritas do texto, mas deve navegar rumo às potencialidades desconhecidas e que possibilitaram a sua elaboração. O contexto da comunidade de fé estimulará, por sua vez, maneiras diferentes de se aproximar do texto, tornando-o vivo e eficaz. Aí se completa o círculo hermenêutico entre Escritura – Comunidade – Teologia. A teologia, para ser “um discurso sobre uma linguagem que fala humanamente de Deus,” deve estar intimamente ligada a uma comunidade de fé para poder suscitar *reescrituras* a partir da escritura-fonte e da tradição da igreja.

A teologia hermenêutica é aberta ao *risco de interpretação*, tanto da escritura quanto da tradição. E uma de suas tarefas é de “discernir a

²⁴ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 20.

²⁵ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 30.



experiência histórica subjacente a certas formulações teológicas e que foram mais tarde consagradas por definições dogmáticas.”²⁶ Questionar as condições de produção do texto e seu discernimento histórico é papel da hermenêutica. Uma leitura que busque a reinterpretação da tradição ou de um enunciado dogmático pode conduzir a reformulações. Para Geffré, essas releituras interpretativas são fundamentais para a atualização constante do dogma, pois o que foi assumido no passado tem hoje outro significado semântico. Essa *mudança de formulação* não é por bel-prazer do teólogo, mas para “ser fiel à visão permanente de uma afirmação de fé.”²⁷ Não é uma adaptação atualizada de uma afirmação da tradição, mas sim ‘re-situar’ e ‘re-interpretar’ a verdade de fé.

Toda hermenêutica conduz a um fazer. Articula-se aí teoria e prática. Para Geffré, “a hermenêutica do sentido ou a hermenêutica dos textos conduz a uma certa prática social e até a uma certa prática política.”²⁸ Esta prática, em sentido cristão, pode ser traduzida como construção do Reino de Deus. A hermenêutica leva, portanto, a um *novo jeito* de viver.

Há, ainda, alguma outra maneira de compreender a verdade da teologia?

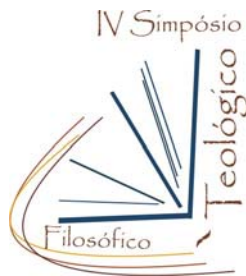
3. A verdade como desafio relacional

A teologia é a possibilidade de tornar significativa, para os homens e mulheres de todos os tempos, a revelação de Deus. A teologia hermenêutica sabe que isso é tarefa sempre aberta, pois o mistério transcendente escapa às sistematizações conceituais. Para Geffré, “o objeto do conhecimento teológico não é um conjunto de verdades conceituais, mas um mistério, o ato mesmo

²⁶ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 28. “Nem a autoridade do magistério papal nem o apelo à tradição podem tornar supérflua a atividade hermenêutica, cuja tarefa é defender o sentido razoável do texto contra toda imposição.” Cf. GADAMER, *Verdade e método*, p. 417.

²⁷ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 49.

²⁸ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 31.



pelo qual Deus se deu a conhecer aos homens.”²⁹ Este mistério se revela na história e se torna linguagem, por isso, “a teologia é exatamente um discurso que tem por objeto um discurso sobre Deus [...]”³⁰ Geffré compreende a verdade da teologia cristã como sendo da ordem do testemunho, da antecipação e é compartilhada.³¹

É da ordem do testemunho, pois não é um conjunto de verdades conceituais, mas verdades testemunhadas e narradas nas Escrituras. É da ordem da antecipação, pois mesmo ocorrendo na história, ela está para além dela. Para a teologia cristã, Jesus Cristo se constitui na verdade mesma de Deus, porém o conhecimento sobre sua plenitude é enigmático. A verdade compartilhada é a transformação sofrida por Geffré a partir de sua entrada no debate da Teologia das Religiões. Antes ele se referia a este terceiro momento como *consenso eclesial*,³² ou seja, a verdade era resultado de um processo intersubjetivo. Agora há ampliação de horizontes. “A dificuldade do dialogo inter-religioso está no fato de que cada participante está comprometido em uma relação absoluta com sua própria verdade, inclusive respeitando as mesmas exigências de verdade do outro.”³³

Da compreensão que a verdade deve ser compartilhada, ele desenvolverá o conceito de *verdade relacional*.³⁴ A verdade não é pertencente a uma cultura ou religião (absoluta), nem relativa às várias culturas e religiões, mas é no encontro e na partilha entre as várias culturas e religiões que elas poderão descobrir uma verdade até então não percebida por nenhuma delas. A verdade enquanto relacional convida as partes envolvidas a estarem abertas para escutar e compartilhar as experiências e as convicções construídas em

²⁹ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 81.

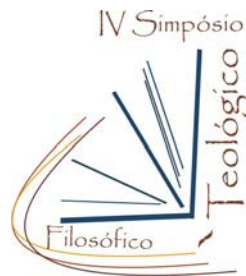
³⁰ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 14.

³¹ GEFFRÉ, *La verdad del cristianismo en la era del pluralismo religioso*, p. 142-143.

³² GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 85.

³³ GEFFRÉ, *La verdad del cristianismo en la era del pluralismo religioso*, p. 143.

³⁴ GEFFRÉ, *La verdad del cristianismo en la era del pluralismo religioso*, p. 141; GEFFRÉ, *Pluralismo religioso e indiferentismo*, p. 93; GEFFRÉ, *Por um cristianismo mundial*, p. 16.



uma observação ou ao longo da história. É a partir desta compreensão que Geffré proporá que se pense a verdade na Teologia das Religiões. Quanto mais as religiões dialogarem entre si sobre as várias maneiras como cada uma apreende o mistério divino, que também é *absoluto relacional*,³⁵ pois não exclui nem inclui, maior e melhor será a compreensão que cada uma terá do transcendente em seu todo.

Essas concepções refletem uma nova abordagem da verdade no horizonte do pluralismo religioso. Esse pluralismo aguça as tradições religiosas a entrarem em diálogo, pois este conduz “cada participante à celebração de uma verdade mais elevada que supera o caráter parcial de cada verdade particular.”³⁶ Todo ser humano e toda tradição religiosa devem compreender, portanto, que, enquanto fazendo parte de uma cultura, a verdade deve ser compreendida sempre como sendo relacional e estando em constante processo de construção.

Conclusão

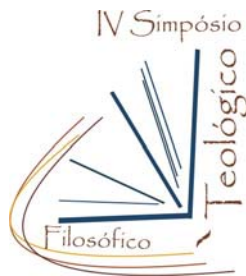
Geffré acredita que a virada que a hermenêutica provocou na teologia é no sentido de suscitar uma nova maneira de fazer teologia. Ela não tem vocação de guardiã e nem de tradutora da linguagem dogmática da igreja institucional. A teologia é “reinterpretação criativa da mensagem cristã.”³⁷ Essa fidelidade criativa faz com que a teologia seja sempre “*produção* de linguagem inédita.”³⁸ E, ao mesmo tempo, ligada à transformação na vida dos cristãos e das sociedades. Aqui, a missão do teólogo é ser hermeneuta. Ele deve se apropriar dos instrumentos necessários para fazer uma leitura dos textos sagrados coerente com a verdade das narrativas testemunhadas nas palavras

³⁵ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 104.

³⁶ GEFFRÉ, *La verdad del cristianismo en la era del pluralismo religioso*, p. 144.

³⁷ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 92.

³⁸ GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje*, p. 102.



escritas e, ao mesmo tempo, estar atento à realidade a qual esta mensagem se dirige a fim de que produza efeito maiêutico, ou seja, possibilite à comunidade, que reflete sobre os escritos, dar-à-luz a novas perspectivas, direcionamentos e um encantamento novo com a vida.

“Se podemos falar legitimamente de uma virada hermenêutica da teologia, é em grande parte porque o pluralismo religioso exerce praticamente a função de um novo paradigma teológico.”³⁹ O pluralismo religioso, por si mesmo, desinstala a igreja católica de suas certezas absolutas advindas, sobretudo, da teologia dogmática. Se o ecumenismo, entendido até então como a busca do diálogo entre as tradições religiosas cristãs, “quebrou um certo absolutismo católico,”⁴⁰ esse novo paradigma teológico não só irá reforçar essa quebra de absolutismos, como também estimulará a reflexão teológica a caminhar rumo ao diálogo entre as tradições religiosas.

Geffré demonstra que essa nova consciência do pluralismo religioso será um convite “a reinterpretar a unicidade do cristianismo como religião de salvação entre as religiões do mundo.”⁴¹ Para ele, a tarefa da teologia das religiões é pensar a experiência *irredutível* de cada tradição religiosa sem perder a especificidade da revelação cristã. Este desafio proposto à teologia das religiões deve ser enfrentado por uma teologia hermenêutica. Esta teologia, que valoriza a história, a liberdade humana e coloca em diálogo passado e presente, conseguirá captar o sentido da diversidade religiosa sem colocar em risco o específico da identidade e da verdade das tradições religiosas. No caso específico do cristianismo, saberá compreender a singularidade da revelação acontecida em Jesus Cristo em perspectiva de abertura para com as revelações de Deus na história. Assim, poderá ficar mais explícito o *significado* das religiões no desígnio inefável de Deus.

Referências

³⁹ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 91.

⁴⁰ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 93.

⁴¹ GEFFRÉ, *Croire et interpréter*, p. 94.



GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II: complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEFFRÉ, Claude. *Croire et interpréter: le tournant herméneutique de la théologie*. Paris: Cerf, 2001. (Traduzido por: *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.)

_____. Por um cristianismo mundial. *Cadernos da estef*, Porto Alegre, n. 30, p. 5-25, 2003.

_____. Pluralismo religioso e indiferentismo: el auténtico desafio de la teología cristiana. *Selecciones de Teología*, Barcelona, n. 158, v. 40, p. 83-98, abr.-jun. 2001.

_____. La verdad del cristianismo en la era del pluralismo religioso. *Selecciones de Teología*, Barcelona, n. 146, v. 37, p. 135-144, abr.-jun. 1998.

_____. O lugar das religiões no plano da salvação. In: TEIXEIRA, F. (Org.). *O diálogo como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. Vers une théologie du pluralisme religieux / Le pluralisme religieux comme question théologique. *La vie spirituelle*, Paris, v. 151, n. 724, p. 573-586, set. 1997.

_____. A fé na era do pluralismo religioso. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. Déclin ou renouveau de la théologie dogmatique? In: KANNENGIESSER, Charles (Dir.). *Le point théologique*. Paris: Beauchesne, v. 1, 1971.